

CORPO E PODER: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Prof. Msc. Alexandre Vanzueta
Instituto Federal Catarinense – IFC Campus Videira

Prof. Mestranda Laura Borges Foscarini
Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC

Prof. Dr. Vitor Hugo Mendes
Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC

Resumo

O corpo, ao longo da história, adquiriu diversas perspectivas de compreensão, sendo que algumas limitaram a sua visão de totalidade. Influenciado pelas marcas históricas, atualmente o corpo tem ganhado cada vez mais visibilidade e interesse de discussão. Embasado nas contribuições de alguns autores que apontam outros caminhos de se pensar o corpo, procura-se dialogar com as práticas cotidianas de sua compreensão e como elas vem sendo constituídas. Desta forma, através de uma perspectiva de análise hermenêutica, busca-se discutir e compreender alguns aspectos que permitam uma primeira aproximação à problemática dos mecanismos de poder que se sobrepõem ao corpo.

Palavras- Chave: *Corpo, história, poder.*

Abstract

Body, throughout history, has acquired several perspectives understanding, and some limited their vision of wholeness. Influenced by historical marks, the body has now gained more visibility and interest for discussion. Based upon the contributions of some authors who point to other ways of thinking the body seeks to engage with their understanding of everyday practices and how they are being formed. Thus, through the perspective of hermeneutic analysis, we seek to discuss and understand some aspects that allow a first approach to the problem of power mechanisms that override the body.

Keywords: *Body, history, power.*

Resumen

El cuerpo, a lo largo de la historia, ha adquirido diversas perspectivas de comprensión; algunos limitado su visión de la totalidad. Marcado por la historia, el cuerpo ha ganado una mayor visibilidad e interés para el debate. Con las contribuciones de autores que apuntan a otras formas de pensar el cuerpo, trata de comprometerse con su comprensión de las prácticas cotidianas y cómo se están formando. A través de la hermenéutico, tratamos de discutir y comprender aspectos que permiten una primera aproximación al problema de los mecanismos de poder que se sobreponen el cuerpo.

Palabras-claves: *Cuerpo, historia, el poder.*

Introdução

Durante a trajetória da humanidade o corpo esteve visível como forma de manifestação das diferentes culturas¹ que se fizeram presentes na nossa história e deram origem as múltiplas facetas que hoje constituem a sociedade. Algumas delas deixaram contribuições marcantes para a atual compreensão do ser humano como tal e sua relação com o corpo, entre outros, a clássica cultura Greco-romana, o cristianismo, fundamentos inquestionáveis da civilização Ocidental.

Desse ponto de vista, devemos considerar que ao longo dos séculos difundiu-se uma representação de corpo. Esta por sua vez, tratou de uma visão, no mais das vezes, fragmentada, estando ele, o corpo, submetido a uma alma ou mesmo, sendo considerado a razão primeira do pecado; nesse sentido, travou-se um constante embate entre corpo, mente, espírito. De Sócrates (470-399 a.C.) a Descartes (1596-1650), pode-se perceber que o pensamento ocidental deixou marcas profundas no tratamento do corpo humano – em seus diferentes momentos históricos – e, por sua vez, foi determinante no discurso contemporâneo quando prescreve uma compreensão corpo submisso aos efeitos de uma razão instrumental.

Embora a filosofia tenha, em alguns momentos, restringido as questões corporais aos princípios transcendentais, passamos por um período em que elas ganham maior visibilidade no âmbito de um pragmatismo de resultados. Para Crespo (1990, p. 8):

A importância dada ao corpo, no nosso tempo, contrapõe-se ao ofuscamento a que estava submetido no passado, fenômeno verificado na sequência de uma assinalável inversão de valores, traduzida na passagem das ideias de acumulação e poupança a preocupações de consumo. Os novos valores de beleza, felicidade ou juventude identificam-se com um corpo que se transforma em objeto de cuidados e desassossegos. O projeto de libertação do corpo está presente em cada momento, exprimindo-se numa dinâmica multifacetada e atingindo a imensa teia de relações sociais.

Diante desta análise, podemos identificar uma mudança em se tratando de valores, onde o atual momento histórico parece não estar dando conta de possibilitar que as pessoas se aproximem de seus corpos, sem que para isso ele tenha sua imagem explorada. Segundo Baudrillard (1995, p. 136) “durante séculos, fizeram-se esforços encarniçados para convencer as pessoas de que não tinham um corpo; hoje se teima sistematicamente em convencê-las do próprio corpo”. Entretanto reconhecer-se corpo, não é o suficiente para permitir uma relação consistente e significativa com ele.

Desta forma, vivemos numa época onde o corpo não apenas está sendo mais exposto do que há algumas gerações, como também tem ocupado espaços cada vez maiores nas relações sociais que as pessoas estabelecem. Mais do que um emaranhado de músculos, ossos e outros sistemas que nos faz presentes no mundo, o corpo ocupa lugares, não apenas no espaço, mas na sociedade, como forma de visibilidade, discussão

¹ Para Chauí (2002, p. 292) a cultura significa: “[...] uma segunda natureza, que a educação e os costumes acrescentam à primeira natureza, isto é, uma natureza adquirida, que melhora, aperfeiçoa e desenvolve a natureza inata de cada um”.

e atribuição de valores que lhe são próprios. Quer dizer, mais do que um objeto no mundo, o corpo é embebido por uma infinidade de representações e relações presentes nos mais diversos espaços sociais, como a família, escola e igreja.

Mostrar o corpo já não é mais pecado, mas ele precisa ser magro, malhado e tonificado, e inúmeros são os procedimentos para que se alcance esse padrão, que vão desde dietas a procedimentos cirúrgicos, ou seja, as formas corporais precisam atender alguns requisitos, cada vez mais rígidos. Se observa que esses comportamentos que incentivam uma maior exposição corporal, não garantem a discussão desse processo. É preciso cautela antes de acreditar que somos mais livres do que nossos antepassados, corporeamente falando. Pela falta de compreensão e conhecimentos do que já foi desenvolvido em termos de pesquisas sobre o corpo, pode-se facilmente cair num pseudo-discurso de libertação corporal, onde não atuam mais mecanismos de repressão sobre as sensações, desejos e formas. Neste sentido Sennett (1997, p. 17) sugere que:

Se nos fixamos e discorremos sobre experiências corporais mais explicitamente do que fizeram nossos bisavós, nem por isso a liberdade física de que desfrutamos é tão grande assim; pelo menos através dos meios de comunicação, experimentamos nossos corpos de uma maneira mais passiva do que faziam as pessoas que tinham suas próprias sensações.

Dessa forma, é necessário desmistificar a visão de corpo camuflada em nossa sociedade, onde muitas vezes pensa-se que é menos reprimido que outrora. Para isso, alguns apontamentos serão feitos no sentido de visualizar novos dispositivos de repressão e controle do corpo. Nesse sentido, o presente estudo busca através da análise de alguns autores (CRESPO, 1990; BALEN, 1994; SANT'ANNA, 1995; BRAUDILLARD, 1995; FOUCAULT, 1996, 1999, 2007; SENNET, 1997), dialogar com as práticas cotidianas de compreensão do corpo e como elas vem sendo constituídas, de maneira a indicar como os mecanismos repressores atuantes na sociedade não propiciam a existência de uma libertação corporal.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa em andamento que, em uma perspectiva hermenêutica de análise, debruça-se em compreender alguns aspectos que permitam uma primeira aproximação à problemática dos mecanismos de poder que se sobrepõem ao corpo, ou seja, buscando novas possibilidades de reflexão:

A hermenêutica torna-se uma postura metodológica universal justamente por pressupor a estranheza do conteúdo a ser compreendido e, com isso, impor-se a tarefa de sua superação pela apropriação do conhecimento (GADAMER, 2004, p. 147-148).

Michel Foucault: mecanismos de poder sobre os corpos

Na Modernidade o corpo vem adquirindo novas configurações de representação social. Os movimentos históricos conduziram à transformação de uma visão puritana sobre o corpo, para a vivência de um momento onde se pensa que a liberdade corporal

existe. Se outrora as formas deviam ser omitidas e escondidas através de vestimentas pesadas, hoje sua exposição é incentivada. O que nos cabe questionar é se realmente superamos um período de repressão corporal substituído pela sua liberdade, ou se ao contrário, ainda passamos por um período de controle, tendo este adquirido novas formas de se manifestar. Sobre esta hipótese de sermos tão coagidos como antigamente, Lears (In: SANT'ANNA, 1995, p. 108) sugere que: “[...] a repressão que existia então não desapareceu necessariamente e pode ter reaparecido sob novos discursos e em novas formas culturais que são às vezes mais sutilmente coercitivas do que era o moralismo de antigamente”.

Para dar conta desta discussão, certamente um dos pensadores que deixou contribuições inestimáveis sobre a questão de controle sobre o corpo, é Michel Foucault (1926-1984). O estudioso francês coloca como um dos eixos centrais de suas análises os mecanismos de poder exercidos sobre o corpo, através de existência de uma sociedade disciplinar que torna isso possível. Através de um resgate histórico, ele aponta como ao longo das civilizações o território corporal foi alvo de controle social.

A genealogia, como análise de proveniência, está, portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo. (FOUCAULT, 2007, p. 22)

Para entender as formas como esse domínio ocorre, devemos observar na teoria de Foucault o que ele entende por poder. Este pensador não desenvolve um estudo sobre o poder como sendo uma força unilateral e global que é exercida sobre os homens, mas sim, através de uma manifestação não linear, estando em constante processo de transformação. Segundo ele:

O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, construída historicamente. [...] o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade que se possui ou não. Não existe de um lado os que detém o poder e de outro aqueles que se encontram dele alijadas. Rigorosamente falando o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona [...]. (FOUCAULT, 2007, p. X; XIV)

Desta forma, quando falamos em poder, não estamos nos referindo a uma força concreta, que está situada em uma parte ou outra da sociedade, onde alguns o possuem e outros não. Ele está implícito nas relações sociais através de mecanismos que muitas vezes passam despercebidos. As manifestações de poder estão presentes até situações onde se comenta sobre o peso de alguém. Através desta opinião, busca-se exercer o controle do corpo falado, sobre o corpo de quem fala e até de quem ouve. É uma tentativa de estabelecer um comportamento adequado, seja referente à alimentação, prática de exercícios ou vestimenta.

Falar do corpo do outro possibilita rever sobre a sua própria condição física (de distanciamento ou aproximação das formas de quem é analisado) e exercer em quem ouve a mesma sensação. Isso não garante a reflexão sobre seu corpo, mas fabrica o tipo

de homem necessário para o sistema capitalista, que não deve ter espaço para reflexões mais profundas acerca de sua condição no mundo.

Segundo Foucault (2007, p. XX) “[...] o poder disciplinar não destrói o indivíduo; ao contrário, ele o fabrica. O indivíduo não é o outro do poder, realidade exterior, que é por ele anulado; é um de seus mais importantes efeitos”. Diante dessa questão, onde nos vemos manipulados através de mecanismos que controlam nossas vidas e escolhas, parece não ter sentido a continuidade dessa relação. Entretanto, isso não basta para alterar a realidade, por dois motivos: primeiro porque ninguém estaria livre de estar vinculado aos mecanismos de poder, pois eles estão em todas as esferas sociais; e segundo, porque ele não é de todo repressivo e punitivo, caso contrário, ninguém obedeceria ninguém. Buscando explicar a permanência do poder nas relações, Foucault (2007, p. 149) afirma que:

Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do relacionamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz.

Desta forma a produção do saber passa a estar diretamente relacionada ao poder. O homem passa a ser objeto do saber, na medida em que tem seu corpo e comportamentos adestrados e avaliados buscando atingir padrões que possibilitem a vida em sociedade. Por outro lado, é ele quem produz o saber, tornando possível o surgimento das ciências, onde “[...] todo saber constitui novas relações de poder. Todo poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber” (FOUCAULT, 2007, p. XXI).

Pensemos numa relação professor-aluno. Na medida em que o docente expõe o aluno a um novo conteúdo, exerce poder sobre este. Enquanto o discente não tiver apreendido o conhecimento, será incapaz de dialogar tecnicamente com o professor e ampliar suas possibilidades de se aperfeiçoar sobre o tema. Desta forma, se estabelece uma relação de domínio sobre o aluno. É claro que este exemplo pode ter sido superado em muitos casos, pois atualmente o professor não é mais considerado como a única fonte detentora do saber, visto que existem outras possibilidades de se apropriar do conhecimento (a internet é uma delas). Entretanto, essa situação foi e ainda pode estar presente nas práticas em sala de aula.

Para que o poder tenha maior eficácia em sua manifestação, existem meios pelos quais ele é inserido no vínculo social. Conforme Foucault (2007, p. 107) “a disciplina é o conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado os indivíduos em sua singularidade”. Ou seja, toma-se por base o controle primeiro do indivíduo, para que assim, seja possível implementar a nível de sociedade um controle geral e inquestionável sobre os corpos.

A disciplina é organizada sob três aspectos: espaço, tempo e saber (FOUCAULT, 2007). A distribuição do espaço permite que os indivíduos sejam controlados e observados o tempo todo, para lembrá-los de agir conforme as regras. É só analisarmos as distribuições das carteiras em sala de aula: todas alinhadas de forma a permitir uma maior visualização e controle do professor, que está no ponto mais alto da

sala e que lhe possibilita a visão de todo o espaço. Neste sentido, Foucault (1996, p. 134) sugere que:

A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos, na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação em que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento de classes de idade umas depois das outras; sucessão de assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente. Movimento perpétuo onde os indivíduos substituem uns aos outros, num espaço escondido por intervalos alinhados. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar.

Mais do que a simples distribuição ordenada dos alunos no espaço, onde cada um representa um papel que se refere ao local ocupado, essa configuração do espaço, faz surgir os rótulos (os desinteressados sentam ao fundo da sala, enquanto os melhores alunos sentam em frente ao professor), que se perpetuam pelos longos anos do sistema de ensino. Até nas filas, que são organizadas conforme o gênero e tamanho dão continuidade a esse processo.

Em seu segundo aspecto, a disciplina promove o controle do tempo, de modo que garanta a eficácia de qualquer atividade que esteja sendo desenvolvida. Nas escolas existem os sinais de alerta que indicam o final do período, a hora de comer, de ir ao banheiro. Nas fábricas, ocorre o mesmo processo quando se determina a carga horária de trabalho. Neste sentido Crespo (1990, p. 465) afirma que “nesta sociedade em mudança, os homens eram avaliados pela sua utilidade social. Os corpos valorizam-se na medida em que pudessem contribuir para a afirmação de novos valores do trabalho, do rendimento e do progresso.” O tempo é fator primordial para o estabelecimento da quantidade de funções, sempre temos “que dar conta” de algo.

E no terceiro momento a disciplina se faz importante na construção contínua de um novo conhecimento, o que já foi explorado anteriormente. Todas essas considerações que envolvem a constituição da disciplina agem, sobretudo no controle do corpo. Em seus estudos sobre a prisão, a loucura e a sexualidade (FOUCAULT, 1996; 1999; 2003), alerta que as formas de dominação sobre as questões corporais, outrora demasiadamente punitivas, foi substituída por outras mais tênues.

Desapareceu o corpo como alvo principal da repressão penal. O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário: qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem (FOUCAULT, 1996, p. 16).

Atualmente não se mobiliza multidões para assistir cenas de carnificina e esquartejamento em praça pública, mas outros “eventos” são capazes de movimentar pessoas interessadas em observar outras formas de exposição corporal: desfiles de moda, eventos esportivos... O interesse sobre o corpo também é outro: não se penaliza

através de castigos físicos, mas se estimula sua exibição como forma de controlar suas formas e para padronizá-lo conforme as normas vigentes no sistema capitalista: o lucro a qualquer custo. Segundo Foucault (1999, p. 132):

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. [...] caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo. Esse bio-poder, sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pode ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento da população aos processos econômicos.

Corpos bem treinados são fundamentais para dar continuidade ao capitalismo, no sentido de otimizar a produção em qualquer área de atuação profissional. É preciso ser ágil, eficaz e útil. O desempenho deve ser aumentado em utilidade e diminuído em autonomia. Segundo Balen (1994, p. 289) “o corpo, na sociedade industrial, é utilizado para gerar força de trabalho e produzir riquezas. É um corpo que se afasta pouco a pouco, do sentido do prazer e sofre cada vez mais, pela exigência da eficiência e da produtividade”.

As disciplinas, mais do que fabricarem o indivíduo para o sistema capitalista, o torna dócil. Para Foucault (1996, p. 126) “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Em outras palavras, praticamente um constante processo de melhoramento da “espécie humana”.

Tanto controle reforça o processo de afastamento individual do corpo. Ao mesmo tempo em que não nos reconhecemos enquanto indivíduos, tampouco sabemos lidar com nossas sensações corporais, desejos e anseios particulares, que desde cedo são minimizados e freados. O desconhecimento leva a comportamentos comuns atualmente, onde para tudo existe um medicamento, seja para problemas de ordem física ou emocional. As pessoas não sabem mais conviver com a dor, levando a criação de uma geração anestesiada de sensações.

Considerações Finais

Diante dos apontamentos realizados, podemos levantar algumas considerações de análise: embora o corpo não seja mais alvo da punição física, ele não deixou de ser influenciado pelo poder. O fato de as vestimentas terem diminuído em seu tamanho e os castigos físicos serem desestimulados, são fatos que mascaram a realidade, onde as formas de exercer poder se tornaram mais sutis em sua aparência, mas não em sua essência.

Como podemos dizer que não existem mecanismos punitivos, se existem pessoas que praticam exercícios extenuantes porque ingeriram maior quantidade de gordura do que pensam que deveriam? O que são as dietas da moda se não uma forma de controlar os desejos e prazeres corporais? E as cintas modeladoras, que substituíram os espartilhos, se diferenciando apenas em seus modelos, mas ocasionando a mesma compressão sobre órgãos, como forma de omitir as curvas indesejadas?

O mecanismo atual não é mais esconder, e sim estimular a exibição. É só pensarmos nos apelos sexuais existentes em comerciais pra induzir a compra do produto, o cliente deve ser seduzido. Nesse sentido, Foucault (2007, p. 147) sugere: “como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: Fique nu... seja mais magro, bonito, bronzeado [...]”.

O corpo deve ser mostrado e contemplado; transformou-se num cartão de visitas. É necessário estar bem, porque isso influencia em suas relações cotidianas, seja com os amigos, colegas de trabalho, com a empresa. O cuidado com a aparência denota uma maior competência profissional.

Assim, toda essa atenção que é dada ao corpo atualmente, não reflete um investimento do ponto de vista da corporeidade. Arriscar a vida na busca de padrões estéticos demonstra a falta de respeito e cuidado consigo. Não estamos mais próximos de nosso corpo porque controlamos o peso ou evitamos ingerir gordura, se essa atitude primar somente pela estética. O padrão de beleza midiático é excludente e desrespeita nosso corpo enquanto identidade. Então, todo esse interesse pela magreza, formas perfeitas, cirurgias plásticas, regimes e realização de exercícios compulsivos, demonstram a existência de uma outra configuração de poder sobre nossos corpos.

REFERÊNCIAS

BALEN, Regina L. V. **O corpo**. In: HÜHNE, Leda M. **Fazer filosofia**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1994.

BRAUDILLARD, J. **A sociedade do consumo**. Rio de Janeiro: ELFOS, 1995.

CHAUÍ, M. de S. **Convite à filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002

CRESPO, J. **História do corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **História da sexualidade: I: vontade de saber**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **História da loucura na idade clássica**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. **Microfísica do poder**. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GADAMER, H. **Verdade e método I : traços fundamentais de uma hermenêutica**. 6.ed. Petrópolis: Vozes: Editora Universitária São Francisco, 2004

SANT'ANNA, D. B. de. **Políticas do corpo: Elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995

SENNET, R. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Rodovia SC 303, Km 5

Bairro: Campo Experimental

Cep. 89560-000

Videira – SC

alexandre@ifc-videira.edu.br

Recurso Tecnológico: Projetor Multimídia (Data-Show)